

DO SENA AO LAGO PARANOÁ

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Sorridente que é, Anna Luíza Adnet, 60 anos, se diverte que só quando é alvo das atenções nas manhãs de terça, quinta e sábado, na Q15 do Lago Sul. Surpresos, os andarilhos, motoristas e adeptos de caminhadas param para ver a simpática senhora de cabelos ruivos. É sagrado. Mas tanto sucesso quanto Anna Luíza faz a sua simpática bicicleta triciclo branca com garupa, comprada em Miami. E a senhora, nascida no Rio e moradora de Brasília há 40 anos, se diverte. Toda orgulhosa, levanta a cabeça, sorri, cumprimenta o povo e dá suas pedaladas, curtindo o ar puro do lago enquanto vai às compras.

O tranqüilo passeio é, aliás, um dos motivos que fazem com que

essa carioca que chegou a Brasília em março de 1962 ame a cidade. E não se arrependa de viver aqui. Além do ar puro e da camaradagem das pessoas, Anna Luíza se encanta com o trabalho na Academia Júlio Adnet (nome de seu marido, ex-funcionário do Banco do

Brasil). “É o meu mundo. Trabalho, esporte, passeios de bicicleta”, conta.

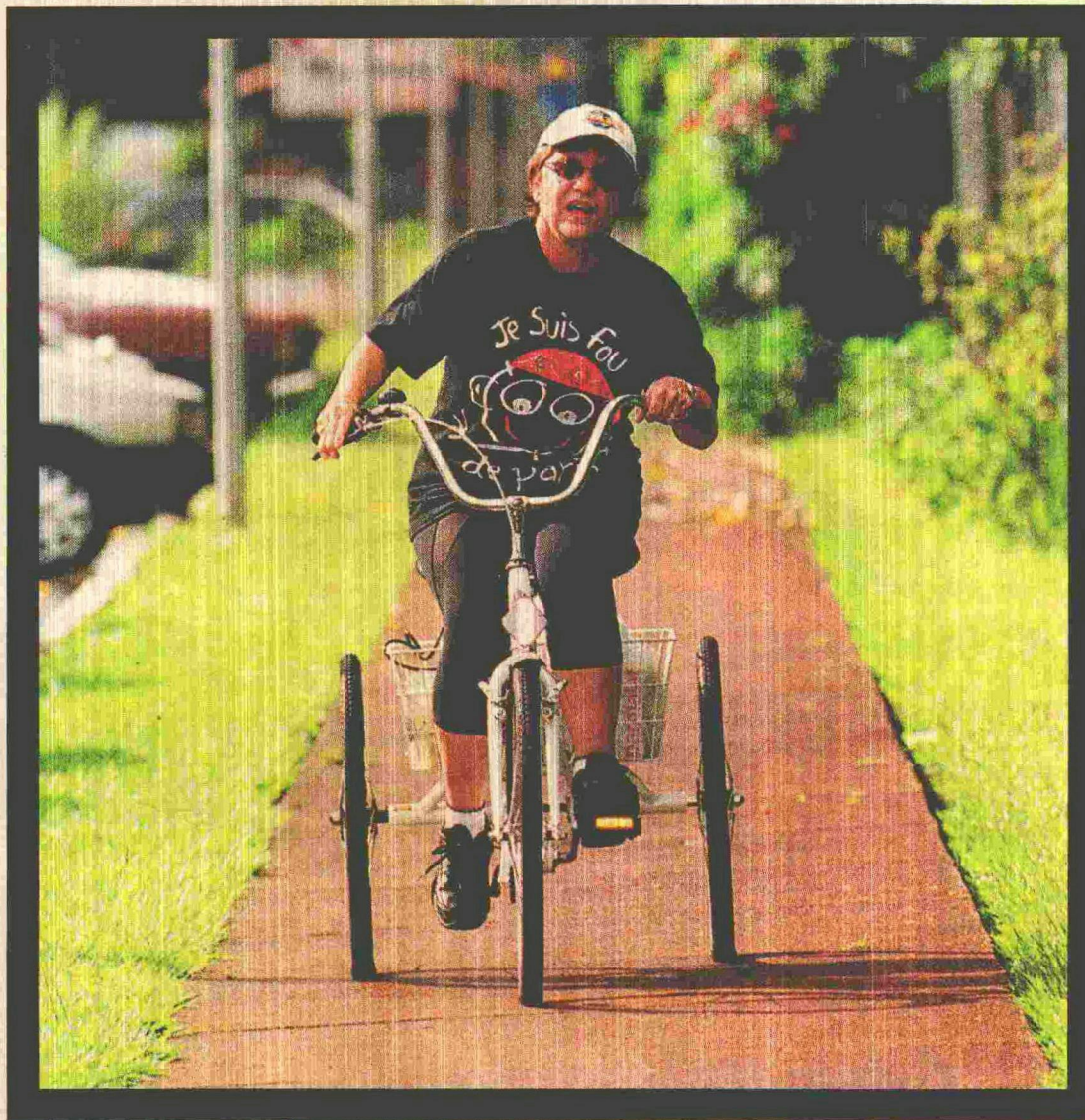
E assim tem sido sua vida desde que resolveu encarar o desafio – em nome do amor por Júlio – de trocar a vida de princesa que levava em Paris pela aventura no cerrado. Ali, na capital da Fran-

ça, a filha do coronel Rocha, um adido militar, estudava Línguas e Civilização Francesa na Sorbonne. Até que no Natal de 1959, o pai cismou de perguntar: “O que você quer de presente? Viajar pela Europa ou ligar para o Brasil?”

Ela não pensou duas vezes. Naquela época, um telefonema para

**DE VEZ EM QUANDO,
ANNA VAI À FRANÇA
MATAR A SAUDADE
DOS TEMPOS
QUE VIVEU EM
PARIS, MAS NÃO SE
ARREPENDE
NEM UM POUCO
DA MUDANÇA**

Gilberto Alves



ANNA LUÍZA ADNET: “PODERIA ATÉ VIVER EM OUTRO LUGAR, MAS BRASÍLIA NÃO DEIXA VOCÊ SAIR DAQUI”

o lado de cá do Atlântico custava uma fortuna e ela queria – muuuito – falar com o namorado. Anna Luíza ligou para Júlio, típico “garoto de Ipanema”, vaidoso e apaixonado. Ele a pediu em casamento. O pai disse que o pedido só valeria pessoalmente. O rapaz vendeu lambreta, comprou passagem de navio e, 15 dias depois, ficava noi-

vo da amada. Bem ali, em Paris.

Em 1962, se casaram. Ele, aventureiro que só, sonhava com a terra prometida na recém-inaugurada capital do Brasil. Ela, amante dos passeios ao ar livre – às margens do rio Sena e pela avenida dos Champs Elysées –, teve medo. “Paris respira História. Eu queria curtir a vida, estudar, viajar”, lembra a mãe de

Adriana, 37, e Alexandre, 39.

Mas duas semanas depois de casada, em 15 de março de 1962, a mulher que sonhava com os prazeres da chamada Cidade-Luz sobrevoava o barro vermelho da “capital da esperança”. Do alto, na poltrona do Avro, avião da Força Aérea, se assustava. “Meu Deus, o que estou fazendo aqui?”, pensou,

ainda sem lua-de-mel.

Logo logo descobriria. Depois de se mudar para um apartamento na 114 Sul, Anna Luíza passou a dar aulas na Aliança Francesa. Mais tarde, ensinaria francês na *TV Brasília* e no Colégio Rosário seria intérprete do Itamaraty e administradora, há 20 anos, da academia Júlio Adnet, que tem mil alunos e que chegou à atual sede, na 908 Sul, em 1969.

O sonho de fazer faculdade ficou para trás. Tudo, jura, pelo amor ao marido. “Aonde ele fosse, iria com ele. Ainda bem que o Júlio veio para Brasília”, diz. E agradecida é mesmo o que Anna Luíza é em relação à cidade que escolheu para viver. Acredita que Brasília ofereceu aos que apostaram nela uma bela recompensa: qualidade de vida, facilidade para formação de família e uma profissão.

Tudo, enfim, que Anna Luíza teve de sobra. A aventura a surpreendeu. Mesmo que no início tenha se irritado com as vezes em que ficou presa em elevadores, culpa das constantes quedas de energia na época pós-construção. Ou quando andava a pé sobre a areia fofa da 114 Sul à W3 para fazer compras. “Fomos crescendo com a cidade. Brasília é como uma mãe. Não me arrependo de ter vindo para cá.”

Paris? Anna Luíza já voltou à cidade pelo menos umas dez vezes. Matou a saudade – pelo menos até a próxima viagem – da rua onde ali morava, a Villaret de Joyeuse, uma das transversais da Avenue de la Grande Armée, que leva ao Arco do Triunfo. “Poderia até viver em outro lugar, mas Brasília não deixa você sair daqui. Sou parte da cidade. Não preciso e não quero mudar”, declara Anna Luíza, que só tem uma reclamação: a falta do mar. “É, só falta o mar”, suspira.